

Odjfrhsujfuruhfhhggih
oy0e(X)**processo**sysysy
sysjdjdiighojlperpwp
mv(X)**exotélico**fjguudu
dududduudjsu(X)**no**fu
uuguguguhihieooooeo
tqo(X)**ambiente**ermfss
ydlajeudghjsidjfuelsosj
pré-vestibular(X)ojsod

© Copyright 2020 by José Neres e seus herdeiros ou representantes legais

Este trabalho foi publicado inicialmente publicado na Revista Eletrônica Acta Brazilian Science, da Faculdade Pitágoras, em 2014.

O texto pode ser distribuído e reproduzido integralmente, desde que sejam resguardadas sua fonte e autoria.

TÍTULO:

O processo exotélico no ambiente pré-vestibular

AUTOR:

José Neres

CAPA, DIAGRAMAÇÃO E CONCEPÇÃO GRÁFICA:

José Neres

DIVULGAÇÃO/SUPORTE ELETRÔNICO

joseneres.com

SUMÁRIO

[Introdução](#)

[Metodologia](#)

[O ambiente pré-vestibular](#)

[Exotelia e estudo deliberado](#)

[Material de estudo e exotelia](#)

[Presença às aulas e exotelia](#)

[Considerações finais](#)

[Referência](#)

[Sobre o autor](#)

Quando se pensa nos diversos níveis de ensino, geralmente a ênfase é dada na educação básica, fundamental, média, superior ou nos sistemas de pós-graduação, que englobam especialização, mestrado, doutorado e pós-doutorado. No entanto, há, nesse escalonamento educacional, um degrau pelo qual passa um grande número de estudantes e que fica praticamente esquecido dentro do processo de formação escolar de diversos estudantes: o curso pré-vestibular.

O pré-vestibular, também chamado de cursinho em algumas regiões, faz parte do cenário da educação brasileira há diversas décadas, mas raramente é alvo de pesquisas de cunho acadêmico. Quando isso acontece, geralmente o interesse do pesquisador recai nas iniciativas de ações afirmativas, como é o caso de cursos destinados à população negras e/ou carentes, mas raramente se fala sobre os cursos mais tradicionais, que têm como preocupação maior preparar os alunos para a prova de vestibular. Também parece não haver uma preocupação com o que pensa e como estuda o aluno que frequenta um curso pré-vestibular.

Neste breve estudo, comentaremos a presença do processo exotélico em um ambiente de estudo no qual o objetivo maior não é a formação integral do indivíduo, mas sim as informações que possam ser acumuladas com o fim único e específico de responder a uma prova de concurso. A fonte teórica a ser adotada no estudo está ancorada nos trabalhos de Maria Cândida Moraes, Cândido Alberto Gomes, Alberto Villamarín, Leandro Morgado, Afonso Celso Galvão e Albert Bandura, entre outros pesquisadores que se dedicam ou se dedicaram aos assuntos concernentes aos estudos em questão.





Metodologia

Para a realização deste trabalho, optou-se pelo processo de observação direta do ambiente envolvida na pesquisa. Foi escolhido um curso pré-vestibular da cidade de São Luís, capital do Maranhão, e, durante quatro (04) semanas as atividades de alunos, professores e funcionários foram observadas e feitas as anotações necessárias para a elaboração deste artigo.

Não houve necessidade de elaboração de questionários e/ou de entrevista individuais ou em grupo. Foram observados os três turnos de funcionamento do curso, com duas visitas a cada uma das disciplinas ministradas, o que nem sempre correspondeu a visitas às aulas de um mesmo professor, pois, em alguns casos, havia alteração no quadro docente entre os turnos.



Todos os anos, milhares de estudantes concluem o ensino médio. Contudo, a quantidade de vagas nas universidades não acompanha o crescimento do número de alunos que terminam o Ensino Médio e tentam uma vaga em um curso superior. Em nota divulgada no dia 09 de dezembro de 2009, pela assessoria de imprensa do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP), o presidente do órgão, Reynaldo Fernandes, afirmou que cerca de 1,8 milhão de estudantes concluem o Ensino Médio no Brasil, todos os anos. A quantidade de vagas, por outro lado, não acompanha o ritmo de crescimento do número de concorrentes diretos aos cursos superiores oferecidos, o que faz a relação candidato/vaga aumentar ano após ano.

Como há um desencontro entre o número de concorrentes e o número efetivo de vagas nas instituições de ensino superior, alguns estudantes conseguem logo a vaga na Universidade (pública ou particular), outros, no entanto, têm que esperar por meses até que sejam novamente abertas as inscrições para os concursos vestibulares. Tais alunos, enquanto estão fora do sistema escolar oficial, geralmente recorrem ao sistema paralelo de ensino, assistindo a aulas de reforço ou de revisão em cursos preparatórios.

Geralmente, esses cursos funcionam em salas grandes, que comportam uma quantidade de alunos que pode chegar a 200, 300, ou até mesmo 500 alunos. Em tempo de alta procura, como nas semanas que antecedem os vestibulares, com as turmas superlotadas, é comum encontrar professores munidos de microfones para se fazerem ouvidos na hora da aula. No curso visitado para esta pesquisa, havia duas salas. Uma com capacidade para 180 alunos e outra que comportava até 250 alunos. Somente a segunda estava em uso durante o período de observação, com aproximadamente 70% dos lugares ocupados.

Da mesma forma que em uma aula do Ensino Médio, alguns professores de cursos pré-vestibulares também são “tentados a argumentar que aquele conteúdo ou tópico costuma cair no vestibular” (BZUNECK, 2010, p. 18), e também utilizam constantemente outras estratégias motivacionais, como, por exemplo, chamar os alunos de “futuros universitários”, ou projetam o tema estudado para uma utilidade futura dentro dos cursos superiores, lembrando que o conteúdo ministrado poderá servir de base para pesquisas a serem realizadas na Universidade. Com isso, o professor tenta fazer o estudante perceber que aquele conteúdo específico deve ser levado a sério e que o conhecimento adquirido não perde seu valor após a prova de concurso.

O público frequentador do curso observado era bastante heterogêneo. Em conversas informais, foi possível detectar alunos com as mais diversas expectativas: havia os que objetivavam uma espécie de reforço de conteúdos que não foram bem assimilados nas aulas do Ensino Médio; havia quem se sentisse inseguro com o próprio estudo e então procurava aprofundar os conteúdos ministrados na escola regular ou em outros cursos. Pôde ser encontrado, durante o processo de observação, aluno interessado em antecipar matérias que ainda seriam vistas na escola. Existem também aqueles alunos que estavam afastados da sala de aula há bastante tempo, mas que desejam ingressar em uma universidade, e os que esperam que as aulas ministradas de forma condensada servissem como substitutas de toda a programação que deveria ser assimilada em 11 ou 12 anos de estudos regulares. Mas, independentemente do histórico dos alunos, todos trazem internalizado um objetivo maior: a aprovação no concurso vestibular, seja ele no modelo mais tradicional ou no formato do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

Em termos gerais, as aulas observadas foram ministradas seguindo um dos seguintes padrões: a) o professor fazia uma explanação sobre o assunto e depois passava para a resolução de exercícios, que quase sempre eram questões selecionadas de provas de concursos vestibulares; b) durante a resolução das questões, o professor aproveitava para explicar a parte teórica específica relativa ao assunto discutido.



Morgado (2003) comenta que o professor de um curso pré-vestibular tem como objetivo principal fazer com que o aluno passe no concurso. Com o intuito de facilitar a compreensão imediata do conteúdo, o discente faz uso dos chamados “macetes” de piadas e de outros modos descontraídos de ensinar, o que, segundo Breviglieri e Gomes (2008), pode ajudar o aluno na compreensão dos conteúdos, desde que seja devidamente contextualizado ao conteúdo estudado.

O aluno, por sua vez, podia tirar suas dúvidas de variados modos: a) por meio de bilhetes anônimos que são passados de fila em fila até chegar ao professor; b) por perguntas diretas feitas sobre o assunto; c) em plantões de tira-dúvidas, marcados previamente pela secretaria do curso; ou, d) com perguntas feitas fora do horário convencional de aula, às vezes, dependendo da disponibilidade do professor, nos corredores ou em outras dependências da instituição.

O clima encontrado em um curso que visa primordialmente à aprovação no vestibular é, geralmente, de competição, pois todos podem ser concorrentes no dia da prova. Estudando a teoria funcionalista na visão de Parsons, Gomes (2005) comenta que as ações dos atores sociais são guiadas por objetivos e que eles são levados a agir de forma a otimizar as gratificações que recebem. Esse olhar funcionalista acaba determinando as ações dos alunos, que passam a não dar importância para o que não tenha relação direta e imediata com o vestibular, pois “o comportamento é regulado pelo auto-interesse, considerado quase totalmente segundo custos e benefícios materiais” (BANDURA, 2008, p.15).

Ao longo do Ensino Médio, a recompensa esperada pode vir em forma de uma nota, de elogios ou de presentes ofertados por pais, parentes ou mesmo pela própria instituição de ensino. Porém quando se trata de um concurso tão decisivo como o vestibular, a única recompensa que interessa ao estudante é ter seu nome na lista dos aprovados.



Por sua própria natureza imediatista, que busca o resultado acima de tudo, as aulas ministradas por um professor de curso pré-vestibular focam muito mais nas informações transmitidas aos alunos que nos aspectos formativos de um conhecimento mais global e sólido. Informações que fujam do programa estabelecido pelo edital do concurso vestibular, por mais que pareçam interessantes para o professor ou para a formação integral do aluno como cidadão, não despertam o interesse do alunado e, geralmente, são classificados pelos estudantes como perda de tempo ou “enrolação” do professor.

O interesse maior está em preparar o aluno para responder às questões de múltipla escolha, em um processo que a língua inglesa chama de *testwiseness*, ou seja, preparar o aluno para responder a questões de múltipla escolha ou mesmo subjetivas. Com esse objetivo, em determinados momentos da explanação, o professor não se preocupa apenas em comentar a resolução das questões, mas, também, reserva um tempo para demonstrar que, na hora da prova, é possível que o conhecimento acumulado não seja suficiente para encontrar a resposta correta, tendo o candidato que recorrer ao “chute”, ou seja, à eliminação das opções menos prováveis para aumentar a probabilidade de um acerto, independentemente do grau de conhecimento do assunto explorado na questão, conforme explicam Villamarín (2000) e Morgado (2003).





Exotelia e estudo deliberado

Etimologicamente, autotelia deriva de *auto* (por si mesmo) + *telos* (meta, objetivo), perfazendo a ideia de que a realização de que algo pode ser realizado pelo próprio prazer da realização, sem que se espere por uma recompensa, pois “uma experiência é autotélica quando a sua realização constitui, em si, a meta principal” (MORAES, 2003, p. 170). Por outro lado, um antônimo para autotelia pode ser exotelia, que deriva de *ex* (*movimento de fora ou para fora*) + *telos* (*meta, objetivo*). Dessa forma, um pensamento exotélico é aquele motivado por interesses que estão além da própria realização. Moraes (2003) usa o exemplo de alguém que joga xadrez, não apenas pelo prazer de jogar, mas, sim, com o objetivo de ganhar dinheiro ou projeção.

Os estudos voltados para o vestibular concentram-se mais na experiência exotélica que na autotélica, pois, ao se matricular em um curso pré-vestibular, o aluno está focado em um objetivo específico, que é a aprovação. Dessa forma, a aprendizagem torna-se uma obrigação com uma finalidade, não um prazer intrínseco. E, como forma de alcançar o objetivo traçado, algumas atitudes tornam-se necessárias, como, por exemplo, abdicar de momentos de lazer em prol dos estudos. Pinto e Cavalcante (2010) comentam que as atividades cotidianas não permitem que o indivíduo se realize autotelicamente, pois não deixam espaço para o lúdico.

Sob essa visão exotélica, é comum que os estudantes que se preparam para os concursos vestibulares dediquem bastante tempo de estudo além dos horários previstos pelo cronograma da instituição

Esse tempo de estudo extra, que vai além do período em sala de aula, constitui o que Galvão (2006), amparado por diversos teóricos da Psicologia da Aprendizagem, chama de estudo deliberado. Como há diversos concorrentes diretos à mesma vaga na mesma sala de aula, o estudante que se prepara para o vestibular é levado a acreditar que o tempo dedicado aos estudos fora da instituição de ensino é um fator determinante para o sucesso no dia da prova. No entanto, Galvão (2006) adverte que o excesso de estudo deliberado pode ter como consequência, além do desgaste físico, problema de ordem motivacional. Considerando o período de preparação para o vestibular como um momento estressante, Rocha (2010) comenta que esse evento pode levar o vestibulando a apresentar diversos distúrbios físicos e/ou emocionais, como depressão, compulsão alimentar e transtornos no sono. Concordando com essa informação, Rolim (2007) adverte que os vestibulandos são, ao longo do ano letivo, expostos a um alto índice de estresse, principalmente nos períodos de inscrição e no momento do exame.





Material de estudo e exotelia

Morgado (2003) chama atenção para a importância do material didático oferecido pelos cursos pré-vestibulares. Segundo o autor, nas chamadas apostilas, o aluno encontrará tudo o que precisa para se preparar para o concurso. Villamarín (2000) comenta que, como não há tempo estudar todo o conteúdo do vestibular, selecionar material de qualidade para os estudos é um bom investimento por parte do aluno que se prepara para o ingresso na Universidade.

O material de apoio didático-pedagógico oferecido para os alunos pelos cursos pré-vestibulares vem quase sempre em forma de apostilas seriadas que seguem a programação divulgada pelas instituições de ensino superior responsáveis pela elaboração da prova do vestibular. Nos cursos observados, essas apostilas não são totalmente elaboradas pelos professores. Elas, na maioria dos casos, são montadas com base em questões de concursos anteriores, com acréscimo de alguns tópicos teóricos relativos aos conteúdos a serem ministrados, ou, em casos menos comuns, as apostilas são compradas de editoras que produzem esse tipo de material e personalizam a capa de acordo com logomarca do curso, para passar uma ideia de material exclusivo daquela instituição de ensino. Mas, não importando qual seja o processo utilizado na elaboração e confecção das apostilas, elas costumam ser entregues ao alunado mediante pagamento da mensalidade. Ou seja, todos os alunos matriculados têm acesso ao material didático oferecido pelo curso pré-vestibular, o que praticamente elimina a possibilidade de um aluno não responder às questões propostas por falta de material.

Além das apostilas, alguns cursos oferecem também separatas – material avulso, contendo complemento de assuntos que não foram contemplados nas apostilas; acesso a mídias eletrônicas com aulas gravadas; biblioteca/sala de estudo, para quem tem dificuldade de concentração para estudo na própria casa ou para quem disponha de horário livre para dedicar-se aos estudos; e blogs/sítios eletrônicos, para o aluno que quiser estender seus estudos além dos horários convencionais, responder a outros exercícios ou mesmo rever algum conteúdo no qual tenha dúvida. Todos esses recursos físicos ou virtuais podem estimular o aluno a estudar além do tempo programado para as aulas presenciais, regulando seu processo de aprendizagem de acordo com suas disponibilidades de tempo.

Durante o período de observação, pôde-se perceber que o acesso ao material didático, que é aparentemente uma forma de democratizar o acesso às informações necessárias à resolução das questões das apostilas e, conseqüentemente, das provas do vestibular, acaba criando um clima de competição com o intuito de ostentar outros materiais adquiridos na internet, em bancas de revista ou em outros cursos. Raramente o detentor de um novo conhecimento deseja partilhar a experiência com os colegas de sala e, quando o faz, geralmente é com candidatos a cursos diferentes do que foi escolhido pelo dono do novo material.

O clima de competição do ambiente pré-vestibular serve como uma espécie de estufa geradora e mantenedora do pensamento exotélico e da certeza de que cada companheiro de sala é muito mais um adversário do que um colega em busca de um objetivo convergente.





Presença às aulas e exotelia

O pensamento exotélico, associado ao interesse de ingressar em um curso superior, leva o estudante a dar maior valor à presença em sala de aula. Nem sempre isso ocorre apenas pela vontade de aprender uma nova teoria, mas, sim, pelo fato de o aluno acabar acreditando que perder aula é “dar vantagem aos concorrentes diretos”, conforme explicou uma aluna em conversa informal. Isso faz com que o aluno perca poucas aulas daquelas disciplinas que apresentam interesse direto para sua aprovação.

O número de atrasos observado durante as aulas foi mínimo, sendo que na instituição observada é vetado o acesso à sala de aula ao aluno que chegar após iniciados os trabalhos do professor, “para não tirar a concentração dos demais alunos”, conforme comentou um dos atendentes ao ser indagado sobre essa norma do curso

Os estudantes atrasados, conscientes das normas da instituição, raramente ficavam transitando pelos corredores ou pelos arredores do curso. Alguns ficavam na recepção, lendo os jornais e revistas disponíveis, ou o próprio material didático, a chamada apostila. Raros eram os casos de alunos em conversa ou distraídos com assuntos alheios ao vestibular. Outros alunos, buscando um local mais apropriado para os estudos, dirigiam-se à sala reservada para esse fim, que é equipada com cabines individuais e propicia maior privacidade.

O interesse pelas matérias que lhes pareçam mais fáceis é o responsável por uma constatação verificada durante o período de observação *in loco* e em conversas informais com alguns estudantes: o não comparecimento de alguns alunos às aulas cujos conteúdos eles não conseguem assimilar. Ao ser indagado sobre a ausência em algumas aulas, um aluno chegou a afirmar que *só consegue aprender as disciplinas de que gosta, preferindo deixar as outras para depois*. Esse comportamento é explicado por Bandura (2008), quando diz que as pessoas não são apenas agentes de ações, mas também autoexaminadoras de si mesmas, pois é a partir de uma autoconsciência reflexiva que o ser humano avalia suas motivações e valores.

Dentro de sala de aula, os alunos mostravam-se quase sempre atentos às explicações do professor, o que não impedia que ou outro aluno recebesse ou enviasse mensagem de celulares. Contudo, os aparelhos estavam quase sempre no modo silencioso e, nas poucas vezes que alguém deixou o celular soar em som elevado, recebeu o olhar reprovativo dos colegas e dos professores. Mas, de modo geral, as aulas dos cursos pré-vestibulares observados transcorreram sem incidentes. Pois, como o alunado estava em sala regulado pelo próprio desejo de ali estar, o professor raramente era interrompido por situações alheias ao assunto ministrado, o que contribuía para que a programação exposta oralmente no início da aula fosse cumprida, o que não é garantia de aprendizagem, “afinal o aluno só aprende na medida em que estiver [...] pessoalmente envolvido com persistente trabalho mental que, portanto, exige motivação” (BZUNECK, 2010, p. 14), mas que pode contribuir para um melhor entendimento do assunto estudado.





Considerações finais

O ideal seria que o aluno fosse para a sala de aula motivado pelo pensamento autotélico, ou seja, pelo desejo de aprender simplesmente por aprender. No entanto, isso nem sempre acontece. E o que se vê, além do clima de competitividade, é a busca de um conhecimento com um objetivo específico: o de uma aprovação. À aprendizagem com uma finalidade específica, Moraes (2003), apoiada por outros pensadores da educação, chama de *exotelia*, que vem a ser o contrário do processo autotélico, quando a aprendizagem se dá por uma satisfação pessoal, independentemente de algum fator de recompensa externa.

Com a finalidade de atingir um objetivo determinado, os alunos observados durante quatro semanas abdicam de momentos de lazer e traçam metas de realização. Para efetivação de tais metas, torna-se importante o comparecimento às aulas, o uso de materiais didáticos que sejam superiores aos de seus colegas de turma. Outro meio de superação dos concorrentes é o uso de horas extras de estudo deliberado.

BANDURA, Albert. *O sistema do self no determinismo recíproco*. In: BANDURA, Albert; AZZI, Roberta Gurgel; POLYDORO, Soely (Org). *Teoria social cognitiva: Conceitos Básicos*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BREVIGLIERI, Eduardo; GOMES, Cleomar. F. *As aulas de cursos pré-vestibulares: um estudo sobre a ludicidade como linguagem que motiva*. In: XVI Seminário de educação - Semiedu, 2008, Cuiabá. UFMT, 2008.

BZUNECK, José Aloyseo. *Como motivar os alunos: sugestões práticas*. In: BORUCHOVITCH, Evely, BZUNECK, José Aloyseo & GUIMARÃES, Sueli Edi Rufini. (Orgs.). *Motivação para aprender*. Petrópolis: Vozes, 2010.

GALVÃO, Afonso. *Cognição, emoção e expertise musical*. In: *Psicologia: teoria e prática*. v. 22, nº2, maio-ago 2006, p. 169-174.

GOMES, Candido Alberto. *A educação em novas perspectivas sociológicas*. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: EPU, 2005.

MORAES, Maria Cândida. *Educar na biologia do amor e da solidariedade*. São Paulo: vozes, 2003.

MORGADO, Leandro. *Sucesso no vestibular*. Curitiba: Juruá, 2003.

PINTO, Áurea Emília da Silva & CAVALCANTE, Kátia Brandão. *Autotelia e ludopoiesis na vida adulta*. www.redesocial.unifreire.org. Acesso em 16 de dezembro de 2010.



ROCHA, Célia Regina da Silva. *Depressão, compulsão alimentar e distúrbio do sono em estudantes do terceiro ano do ensino médio e de cursos pré-vestibulares*. Campinas: Unicamp, 2010. (Tese de doutoramento em Saúde da Criança e do Adolescente.)

ROLIM, Maria Cândida Camargo. *Estresse em estudantes pré-vestibulandos*. Campinas: Unicamp, 2007. (Dissertação de mestrado em Educação).

VILLAMARÍN, Alberto J. G. *Como superar a barreira do vestibular*. Porto Alegre: AGE, 2000.





Sobre o Autor

José Neres tem graduação em Letras – Português/Espanhol (Ufma); especialização em Literatura Brasileira (PUC-MG), em Pedagogia Empresarial e Educação Corporativa (Uninter), em Metodologias de Ensino de Língua Portuguesa e Espanhola (UCAM) e em Educação Ambiental e Sustentabilidade (Uninter); Mestrado em Educação (UCB) e doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional (Uniderp).

É autor de diversos livros e artigos em revistas e jornais. Faz parte da Academia Maranhense de Letras e da Sobrames.



Scan me